ANAIS
25º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
EDITORA da FUNDARTE

Teclas brancas – compondo na sala de aula

Michelle Cavalcanti Aguiar[1]
EMEF Judith Macedo de Araújo/PMPA

Resumo: O presente trabalho relata uma experiênica didática com improvisação e composição em sala de aula e aconteceu em uma escola pública da Rede Municipal de Porto Alegre com alunos do ensino fundamental participantes de um projeto de educação musical. A experiência, que foi realizada em uma perspectiva de coletividade, envolveu aprendizagens relacionadas com a experimentação de instrumentos como o piano, a flauta doce e a percussão corporal. Este é o relato de um processo que envolveu comprometimento e tomada de decisões que culminaram com a aquisição de várias aprendizagens da educação musical.

Palavras chave: Educação musical; coletividade; composição.

Ao entrar na EMEF Judith Macedo de Araújo no ano de 2010, quando ingressei na rede municipal de ensino de Porto Alegre, encontrei uma escola aonde não havia instrumentos musicais. Nas tentativas por sobrevivência construímos instrumentos e começamos uma intensa campanha de doações.

Sou violonista, compositora, cantora. Não tínhamos violões.

Na campanha de doações ganhei um teclado, que encarei com estranheza, deixando de lado em seguida, reflexiva. Embora não seja pianista, nem tivesse experiência com instrumentos de teclas, resolvi montar tal instrumento para brincar com os alunos. Em seguida comecei a estudar algumas harmonias para poder acompanhar as canções nas quais estávamos trabalhando usando como o teclado como alternativa ao violão que cotidianamente usava em aula.

[1] Graduada em Música Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, cursa atualmente a Especialização em Educação Musical para Professores da Educação Básica na mesma instituição, onde desenvolve pesquisa acerca da atividade Criativa e dos Processos Pedagógicos de Construção Coletiva em Educação Musical. É compositora, intérprete e instrumentista. Tendo atuado em diversos grupos. Como docente atua desde 2007 na rede pública de ensino, em espaços de educação musical formal e informal, em escolas públicas, particulares e em projetos sociais. Atualmente desenvolve trabalho no Hospital da Criança Santo Antônio com aulas de música para crianças internas. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Macedo de Araújo, situada no Morro da Cruz periferia da cidade de Porto Alegre, coordena o Grupo de Música Escola Judith que atende crianças e adolescentes de 7 a 15 anos no trabalho com práticas musicais coletivas e experimentações em música, quais sejam criação, improvisação e composição musical.

Em uma das turmas um grupo de alunos, no entanto, se interessou muito pelo teclado e instintivamente propus um jogo de improvisação no qual eu tocava os acordes da escala de Dó maior (tríades) no teclado para que os alunos, um a um, improvisassem utilizando apenas as teclas brancas. Esta improvisação fez muito sucesso entre estes alunos.

Após algum tempo, no ano de 2014, apresentei junto à SMED um projeto intitulado Toda Música. O projeto, que iniciou na escola em 2015, tinha como objetivo geral aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre música, desenvolvendo um ambiente de fruição, através da vivência nos processos de execução, improvisação, fruição, apreciação e composição musical. Segundo Koellreutter (1998) a educação musical tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo, desenvolvendo, entre outras capacidades, a criatividade, sensibilidade, o trabalho em equipe e a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo. O trabalho no Grupo é coletivo e integrava 25 alunos, com idades entre 8 à 15 anos.

No trabalho diário com os alunos, adotávamos práticas diversificadas que envolviam o estudo da flauta, o trabalho com instrumentos de percussão, canto e também a percussão corporal. Explorávamos exercícios rítmicos de percussão corporal com improvisações livres dos alunos a partir do estudo de alguns timbres possíveis. Neste processo realizamos muitas audições principalmente do trabalho do Grupo Barbatuques, olhamos vídeos com explicações de timbres de Fernando Barba, idealizador do Barbatuques, e trabalhamos criando células rítmicas a partir destes elementos e dos timbres estudados.

No grupo, que tinha uma procura bastante grande por vagas e lista de espera, a seleção dos alunos é feita por sorteio no início do ano, raramente há desistências. Foi através de uma dessas desistências que, no mês de setembro reingressou ao grupo um dos alunos que havia participado do processo de improvisação com as teclas brancas. Nesta época estávamos preparando um recital de final de ano Grupo de Música e trabalhávamos com exercícios de improvisação, na flauta, na percussão corporal e com instrumentos. O retorno do aluno, sua inexperiência com a flauta e

seu desejo de retomar a antiga proposta das teclas brancas fez com que retomássemos este trabalho, porém integrando a flauta.

Considero fundamental que na aula de música haja espaço para criação e resolvi iniciar o processo propondo um exercício de improvisação. Segundo Koellreutter a prática da improvisação permite vivenciar e conscientizar questões musicais importantes que permite a introdução dos conteúdos através do diálogo e da necessidade do grupo (BRITO, 2011, pág. 47).

Os alunos apropriados das notas da escala de Dó maior na flauta, foram então provocados a improvisar nas teclas brancas do piano. Todos experimentaram. Num segundo momento, enquanto um dos alunos executava a harmonia, os demais, um de cada vez, improvisavam na flauta. Porém, na época, frequentavam 24 alunos, um estava no teclado e o tempo necessário para que os outros 23 alunos improvisassem causava bastante ansiedade naqueles que não estavam tocando.

Resolvemos o problema dialogicamente integrando também a atividade de percussão corporal, de forma que enquanto um aluno tocava flauta, os demais percutiam. Combinamos que cada aluno teria o tempo de uma volta completa da harmonia para sua execução na flauta, o que se revelou um ótimo exercício de percepção, uma vez que precisavam reconhecer na harmonia os momentos de tocar e parar.

O passo seguinte foi definir a linha melódica, pois percebi que os alunos que tem mais facilidade naturalmente definiram uma linha melódica a qual começaram a sustentar, porém, enquanto isso outro grupo de alunos, ainda apreensivo, tocava a cada execução uma melodia diferente. Combinamos então que cada aluno definiria sua melodia, de forma que fomos clareando nossa música.

Outra questão que definimos foi que a percussão corporal deveria ser conjunta, pois, segundo os alunos, o som estava ficando confuso e precisávamos combinar uma sequência percussiva a ser seguida. Esta tarefa foi realizada sem dificuldades ao retomarmos alguns timbres que havíamos explorado em exercícios anteriores. Definida a sequência, precisamos trabalhar com a questão da dinâmica

na execução, pois alguns alunos tendiam a aumentar o volume em movimentos percussivos como a ‘palma concha’.

Durante o processo gravávamos várias vezes nossa execução para que pudéssemos ouvir e repensar alguns aspectos. A gravação se constituiu como uma importante ferramenta de análise e de avaliação.

Criada a estrutura da música partimos para os ensaios, pois aproximava-se o momento de nosso recital de final de ano e decidimos que ali seria a estreia da nossa composição.

Compor a música, a qual os alunos decidiram chamar de “Teclas brancas”, foi muito importante para o grupo. Este processo conferiu amadurecimento, responsabilidade com o fazer coletivo e a sensação de pertencimento, além disso, o grupo tornou-se mais integrado e fortalecido através da intimidade advinda da resolução dos problemas conjuntos. A música foi apresentada com grande sucesso no recital de final de ano do grupo.

Referências:

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter Educador*: o humano como objetivo da Educação Musical. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2011.

KOELLREUTTER, H.-J. Educação musical hoje e, quiçá, amanhã. In: LIMA, Sonia A. (org.). *Educadores musicai de São Paulo*: Encontro e reflexões. São Paulo: Nacional, 1998.